

DIFERENÇAS NO DESEMPENHO ESCOLAR: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Nathália Masson Bastos^{1*}, Erika Fiuza dos Santos de Almeida², Carmen L. G. de Mattos³

1. Mestranda da Faculdade de Educação da UERJ

2. Graduanda da Faculdade de Educação da UERJ

3. Professora Doutora da Faculdade de Educação da UERJ / Orientadora

Resumo:

A relação entre gênero e o desempenho escolar é o objeto de estudo deste estudo. A abordagem metodológica foi a pesquisa recursiva de vídeos de sala de aula das turmas de terceiro e sexto ano de uma escola pública de Nova Iguaçu no ano de 2011. O objetivo deste estudo foi investigar e analisar como se baseiam as relações em sala de aula e se a questão do gênero influencia no campo social que é a escola. Dentre os autores que contribuíram para a fundamentação teórica do estudo destaca-se Connell (2002), Scott (1994), Hall; Woodward (2007), Dagmar Meyer (2004), Dal'Igna (2007). Este estudo inclui os seguintes tópicos: introdução, explicação da temática, motivações e justificativas; Metodologia, resultados e discussões, e, por fim, a conclusão. Neste sentido, este trabalho pode contribuir para uma maior compreensão das relações sociais naturalizadas na esfera de gênero nas dinâmicas de sala de aula.

Palavras-chave: Gênero; sala de aula; relações sociais.

Apoio financeiro: FAPERJ.

Introdução:

Ao refletirmos sobre o conceito de gênero, percebemos que ele é uma construção social produzida, modificada e construída conforme expectativas de cada sociedade, que os definem por meio de comportamentos, posturas, gostos ou linguagens expressadas de forma diferenciada entre meninos e meninas. Entende-se então que o gênero deve ser considerado em um contexto histórico, mediante ao fato de a localidade e a cultura local serem determinantes para as características do gênero sendo assim, uma representação variável e mutável.

Dagmar Meyer (2004) defende que ao apropriar-se desse termo estaríamos afirmando que existem diferenças e desigualdades sociais entre homens e mulheres que são constituídas não por algo biologicamente determinado, mas pela cultura e isso determinaria razões de poder diferenciadas entre eles.

Perpassando pelo ambiente escolar, deve-se reconhecer que o papel da escola é disseminar os padrões sociais e de gênero. Esse papel é percebido através das rotinas escolares, na separação dos alunos por sexo, quando estão em fila ou até mesmo nas aulas de educação física pelo qual meninos são mais estimulados a jogar futebol do que as meninas.

Ao analisarmos essas situações que, para nós, parecem ser uma escolha natural por estarem normatizadas, deveríamos nos atentar e nos questionar o porquê destas situações serem um consenso e totalmente visto como algo cultural. Ao fazer a análise desta situação, deveríamos nos perguntar: “Por que os alunos são separados em determinadas situações na escola? Temos algum critério ao avaliar a situação conforme estereótipos sociais”?

A partir dessa temática, pretende-se compreender como que se desenvolve o desempenho escolar de meninas e meninos a partir das representações de gênero.

Metodologia:

O trabalho foi elaborado em três etapas. Na primeira etapa, foi feita a seleção de vídeos de sala de aula de um Colégio Estadual situado no Rio de Janeiro. Vídeos estes da pesquisa de campo intitulada “GÊNERO E POBREZA: Práticas, Políticas e Teorias Educacionais - Imagens de escolas” realizada no ano de 2011 pelo grupo de pesquisa NetEDU da Universidade do Estado do Rio de Janeiro coordenado pela Prof. Dr. Carmen Lúcia Guimarães de Mattos do qual as autoras deste estudo fazem parte.

Foram selecionados 11 vídeos, dentre eles, aulas de português, geografia e matemática de turmas do 4º e 6º ano. A segunda etapa consistiu na análise destes vídeos, dando ênfase às relações de gênero existentes dentro da sala de aula.

A pesquisa recursiva se baseou nos registros dos dados obtidos mediante a análise dos vídeos. Acredita-se que, através destas análises, é possível explicar o contexto de sala de aula. Após a identificação dos contextos, e observarmos as relações de gênero, foi elaborada uma articulação entre os mesmos e o contexto da escola e sociedade. A análise foi realizada em duas etapas: a primeira foi de descrever o que está ocorrendo e a segunda interpretar os dados encontrados. A terceira etapa relaciona as análises dos vídeos com o aporte teórico, a saber: Connell (2002), Scott (1994), Woodward (2007), Dagmar Meyer (2004), Dal'Igna (2007).

Para falar sobre gênero e as relações nas sala de aula, parte-se da concepção de Connell (2002, p. 10), para a autora “Gênero é uma forma de ordenação política e social, é uma estrutura de relação social centrada na área reprodutiva, um conjunto de práticas governadas por esta estrutura que traz distinções entre corpos dentro dos processos sociais”

Corroborando a esse pensamento, Scott (1990) e Dagmar Meyer (2004) salientam que gênero não é algo fixado nas diferenças físicas entre homem e mulher, mas é o saber que estabelece significados para as diferenças entre os sexos. Esses significados por sua vez, variam de acordo com a cultura, tempo, grupos sociais etc.

Os autores Woodward (2007) e Dal'Igna (2007) trazem sua contribuição em relação às representações que cada um possui acerca dos contextos na qual estão inseridos.

Baseando nestas concepções, parte-se do pressuposto que é preciso que existam ações reparadoras para os preceitos já estabelecidos de uma cultura única a ser

ensinada, porém é preciso também ações preventivas para que se crie um diálogo entre as diferenças e que se questione sobre o congelamento de estereótipos.

Esses autores e suas perspectivas sobre gênero contribuem para a construção deste estudo para entender como/porque as relações sociais se baseiam nos estereótipos construídos culturalmente e se a partir desta visão ocorre uma relação de desigualdade de poder.

Resultados e Discussão:

Em sala de aula, as atividades são executadas de forma igualitária entre meninos e meninas e as avaliações são dadas da mesma forma para ambos, entretanto padrões de comportamento acabam sendo esperados com relação aos alunos por parte dos professores, que consideram o comportamento das meninas como sendo mais tranquilo, elas sendo mais comportadas e que prestam mais atenção nas atividades o que, ao contrário dos meninos que costumam ser mais agitados, dispersos e desinteressados.

Com isso justificativas relacionadas ao desempenho escolar são feitas baseados nesses padrões, afirmam que meninos tendem a apresentarem um rendimento mais baixo do que as meninas.

O baixo rendimento dos meninos é justificado baseado no gênero, o que acaba confirmando o comportamento que eles apresentam em sala. Em relação às meninas, elas acabam sendo relacionadas às capacidades cognitivas.

Conclusões:

A sociedade imputa signos e significações em objeto, pessoas e até em comportamentos. Diante disso, certos comportamentos foram estereotipados como referentes a determinadas identidades e cultura. Trazendo esse pensamento para o foco do texto, o gênero, feminino e masculino possui seus "traços" considerados típicos de comportamento e personalidade.

Porém, apesar de algumas características e traços de personalidade serem esperados, existem aqueles alunos que vão contra a esse estereótipo apresentando comportamentos e valores diferenciados. Isso ocorre porque somos diferentes culturalmente e por causa disso somos influenciados e nos identificamos com determinadas características, atitudes e crenças.

Referências bibliográficas

CONNELL, R. *Gender*. Great Britain: Polity Press. 2002.

DALI'GNA, M. C. *Desempenho escolar de meninos e meninas: há diferença?* Educação em Revista (UFMG, Impresso), p. 241-267, 2007.

MEYER, D. E. E. *Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais*. Revista Brasileira de Enfermagem (Impresso, Rio de Janeiro/RJ, v. 57, n.1, p. 13-18, 2004.

SCOTT, J. W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 16(2):5-22, jul/dez. 1990, pp. 05-19.

WOODWARD, K. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, T. T. da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 7. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.